

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 3

A METÁFORA DO CONDUTO: UM CASO DE CONFLITO DE ENQUADRAMENTO..... 5

NA NOSSA LINGUAGEM SOBRE A LINGUAGEM

Michael J. Reddy

Tradução de Ilesca Holsbach, Fabiano B. Gonçalves,

Marcela Migliavacca e Pedro M. Garcez

O USO DA LINGUAGEM..... 49

Herbert H. Clark

Tradução de Nelson de Oliveira Azevedo e Pedro M. Garcez

Cadernos de Tradução

do Instituto de Letras

Diretora: Prof^ª. Maria Cristina Leandro Ferreira

Vice-Diretora: Prof^ª. Sara Viola Rodrigues

COMISSÃO EDITORIAL

Prof^ª. Sônia Terezinha Gehring

Prof^ª. Patrícia Chittoni Ramos

Prof^ª. Érica Sofia Schultz

Organizador deste número: Prof^ª. Pedro M. Garcez

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 3166689 Fax: (051) 319-1719

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este pequeno volume ambos tratam de propor um modelo geral de como se dá o uso da linguagem humana em bases plenamente dialógicas e situadas. São, no entanto, dois pontos de vista diversos, no seu intuito, na sua motivação e no contexto da sua própria interlocução com o leitor.

O artigo de Michael J. Reddy já é antigo. Apareceu em forma de capítulo de livro na primeira edição da obra organizada por Andrew Ortony, *Metaphor and thought*, depois reeditada em 1993 (há, no entanto, indicações de que tenha sido escrito em 1970). Meu primeiro encontro com as metáforas modelares de Reddy sobre o uso da linguagem foi em um curso de pós-graduação no Departamento de Lingüística da Universidade da Pensilvânia, Pragmática Lingüística I, em que boa parte dos alunos vinham do departamento de Ciência da Computação. O texto não fazia parte das leituras recomendadas no curso, mas a professora, Ellen Prince, iniciou as discussões do curso falando de como vivíamos todos inapelavelmente presos no interior dos nossos mundos mentais, separados uns dos outros por paredes da altura do céu, tendo a linguagem como única forma de intercâmbio com os mundos além das paredes que limitam nosso universo. Depois de tê-lo perdido de vista, reencontrei esse texto em na tese de doutoramento de Josalva Ramalho Vieira, da qual tive o privilégio de ser leitor quando da apresentação na UNICAMP no início de 1999. Ali me dei conta de que, no Brasil, não havia ouvido ninguém falar do texto de Reddy até aquele momento. Mesmo reencontrando citações contemporâneas ao artigo, percebi que ele não circulava muito entre nós e que seria bom que circulasse. Passei então a recomendar o texto a colegas e alunos e a resposta era sempre parecida com a minha própria reação inicial: uma certa sensação de que fazia diferença a leitura desse texto, já antigo, nem bem acadêmico, nem bem de Lingüística (o que será isso?). E daí veio o convite a três colegas tradutores, alunos na disciplina de Lingüística e Tradução, para que se aventurassem comigo a compor o texto em português.

As metáforas do conduto e dos construtores de instrumentos que Reddy constrói para sua discussão acerca da natureza do uso da linguagem humana têm por pano de fundo a disseminação, evidente já no início dos 70, do modelo cibernético de comunicação que vê a linguagem como um cano, um tubo, um conduto que, não estando furado ou entupido, nos permitiria enviar, transmitir idéias, pensamentos, sentimentos de uma mente à outra, de um mundo mental ao outro. É uma discussão pontual, situada no seu tempo. Chegamos já em 2000, no entanto, e parece que esse modelo pouco adequado adquiriu ares de senso comum autorizado pela investigação científica. Para nós, profissionais da linguagem, o alerta de Reddy exige uma reflexão e um posicionamento sobre o que vem a ser o uso da linguagem e sobre as decorrências de não se questionar o modelo cibernético que, ao ver a linguagem como um conduto, a concebe como alguém e além de suas propriedades.

O segundo texto que apresento aqui é recente e representa em certa medida uma síntese da obra de Herbert H. Clark, psicolinguísta que há 30 anos se depara teórica e experimentalmente com as questões de uso da linguagem, sem esquecer que tal uso está calcado nas práticas de gente de carne, gente que habita os corpos em que vieram ao mundo. Temos aqui o primeiro capítulo do livro *Using language*, publicado originalmente em 1996. Acredito que nesse caso o leitor tem nas mãos um texto plenamente acadêmico, que reflete uma visão contemporânea do que vem a ser usar a linguagem humana. Resulta de grande esforço, do próprio Clark e de tantos outros pesquisadores, em compor um modelo teórico do uso da linguagem que, de um lado, contemple os avanços no pensamento acerca da questão nas últimas décadas, reunindo as contribuições muitas vezes surdas das Ciências Cognitivas e das Ciências Sociais, e, de outro lado, enfrente as limitações impostas pela tentativa de aplicação de idéias acerca do uso da linguagem na sua emulação em Inteligência Artificial. Imagino que Michael J. Reddy gostaria de fazer este dueto com Clark. Espero que ambos se sintam à vontade nessa nova estrutura de participação em que suas idéias são reconstruídas nos recintos mentais de leitores brasileiros.

Antes de deixá-los com os dois autores, devo agradecer a ajuda de quem contribuiu para que isto seja possível. Em primeiro lugar, agradeço a Ellen Prince e Josalba Ramalho Vieira por terem conduzido a minha atenção para o texto de Reddy. A Ana Cristina Ostermann, um obrigado pelas consultas bibliográficas na biblioteca da Universidade de Michigan para a composição da lista de referências do primeiro artigo. A Letícia Cestari, um outro obrigado pela ajuda com a efetuação do pagamento dos direitos autorais na Inglaterra. À editora Cambridge University Press e a Herbert H. Clark, agradeço a cessão dos direitos para esta publicação. Na Cambridge, devo agradecer à controladora de permissões, Linda Nicol, por alguma compreensão com relação às condições em que se produz este volume na forma de redução do valor exigido pelos direitos. Aos tradutores que junto comigo enfrentaram a tarefa sempre espinhosa de traduzir os textos, e de graça, meu agradecimento e minha admiração. Luciene J. Simões contribuiu com comentários estimulantes a partir da leitura dos textos originais e com sugestões importantes de revisão a partir da leitura de estágios anteriores do textos que aparecem aqui. Por fim, e em especial, agradeço aos colegas, alunos e amigos com quem conversei sobre as idéias que estão nesses textos (olha a metáfora do conduto aí!), e em especial a Claudia Buchweitz, interlocutora privilegiada. Bom uso da linguagem!

Pedro M. Garcez
Organizador

A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem*

Michael J. Reddy

Tradução de Ilesca Holsbach, Fabiano B. Gonçalves,
Marcela Migliavacca e Pedro M. Garcez

Eu gostaria de responder ao capítulo do Professor Schön¹ tocando o seu mesmo tema várias oitavas mais grave. Na minha opinião, ele tocou exatamente o conjunto certo de notas. “Colocação de problema” deveria realmente ser considerado o processo crucial, ao contrário de “resolução de problema”. E as “histórias que as pessoas contam sobre as situações problemáticas” de fato levantam ou “medeiam” o problema. E o “conflito de enquadramento” entre várias histórias deveria ser estudado em detalhe, precisamente porque é quase sempre “imune a resolução por recurso aos fatos”. É difícil imaginar uma abertura melhor do que essa para o progresso autêntico nas ciências sociais e nas ciências do comportamento. Ao mesmo tempo, parece que Schön conseguiu fazer soar essas excelentes notas apenas nos seus tons harmônicos, de modo que dificilmente se ouve a frequência fundamental – ainda que o tipo de pensamento de Schön seja música de verdade, aos meus ouvidos pelo menos, e música desde há muito esperada.

Bem simplesmente, acredito que o que está faltando é a aplicação da sabedoria de Schön – essa consciência paradigmática – à comunicação humana propriamente. Pode parecer previsível que eu, um linguísta, assumiria tal posição. Porém, se eu o faço, o que me motiva tem pouco a ver com a estreiteza de mentalidade da disciplina. Em 1954, Norbert Wiener, um dos originadores da teoria da informação e o “pai da cibernética”, afirmou categoricamente: “A sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e da infra-estrutura de comunicações que a elas pertencem” (Wiener, 1954, p.16). Nunca pensei nessa declaração como se reportando a coisas como o tamanho e a adequação do sistema telefônico. Wiener estava falando primordialmente sobre os

* Traduzido, sob permissão da editora, a partir da segunda edição (1993) do artigo original publicado em A. Ortony, (org.) *Metaphor and thought* (pp. 164-201), pela Cambridge University Press. Fica vedada a reprodução.

¹ N. de T. Reddy está fazendo referência a Donald Schön, teórico da educação, autor do artigo que precede a este na obra original (Schön, 1979/1993), tratando de perspectivas de *formulação* de problemas (ao invés de *solução* de problemas).